



## A EXIBIÇÃO DO CINEMA EM BELÉM DO PARÁ: INDÚSTRIA CULTURAL E MONOPÓLIO

### RESUMO

Esse artigo é a fase inicial de uma pesquisa que visa mapear o perfil de exibição das empresas que administram salas de cinema na cidade de Belém. Visa analisar a existência de uma Indústria cultural, conceito introduzido por ADORNO e HORKHEIMER, que condiciona a exibição. Para isso, foram pesquisados todos os filmes que estrearam na cidade durante os meses de janeiro e fevereiro de 2006. Esses filmes foram analisados a partir de variáveis que visavam classificá-los como pertencentes, ou não, à produção da Indústria cultural

Alex Ferreira Damasceno<sup>1</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** Exibição de cinema / Indústria cultural / Entretenimento.

O objetivo desse artigo é mapear a exibição do circuito comercial de cinema na cidade de Belém, capital do estado do Pará. Isso para discutir o mercado nessa região e indicar tendências.

Desvendar a atuação da indústria do entretenimento na região norte do Brasil, nos dará uma idéia do alcance de uma possível imposição cultural, tão discutida por Adorno em Horkheimeir em seus ensaios sobre a indústria cultural.

Esse artigo é a primeira parte de uma pesquisa maior e serve de teste para a mesma. Para sua realização, foram pesquisados todos os filmes que passaram nos cinemas que fazem parte do circuito comercial paraense<sup>2</sup>, nos meses de janeiro e fevereiro de 2006. Esses filmes foram analisados a partir de certas variáveis, que serão descritas mais tarde, para buscar entender o perfil de exibição dessas salas de cinema.

O artigo é dividido em quatro partes. A primeira fala da indústria do entretenimento, suas formação e peculiaridades. A segunda é uma descrição do cenário belenense de exibição de filmes, as empresas que atuam, suas respectivas histórias e perfis. A terceira parte traz consigo os resultados da pesquisa, analisando segundo a teoria descrita nas partes anteriores do artigo. Por último, as considerações finais, com um balanço geral e conclusões.

### **1. A indústria do entretenimento**

Com o passar das décadas, o entretenimento tomou grandes proporções e se consolidou como uma indústria em ascensão. Isso devido aos grandes avanços tecnológicos, assim como a formação de

---

<sup>1</sup> Estudante do sexto semestre de curso de Comunicação Social – habilitação em jornalismo da Universidade Federal do Pará.

<sup>2</sup> No início de 2006, atuavam três empresas na exibição de cinema na cidade: o Grupo Moviecom, com sete salas de cinema; Cinemas Severiano Ribeiro, com três salas; Grupo Cinearte com cinco salas. Esse cenário muda com o avanço do ano.



uma sociedade pós-moderna, ligada cada vez mais a uma produção para o setor de serviços, como bem mostrou o pesquisador Trigo, autor de “Entretenimento: uma crítica aberta”.

Sua consolidação é tão clara, a ponto de rivalizar e ultrapassar o faturamento de indústrias mais tradicionais e vistas como de maior importância, como as indústrias automobilística, bélica e de telecomunicações. Nos Estados Unidos, os gastos com entretenimento do orçamento doméstico superam os gastos com saúde e vestuário.

Porém, delimitar e definir a atuação dessa indústria é um processo complexo. Uma matéria da revista Exame do dia 2 de março de 2006, problematiza bem isso. Os autores Alexandre Secco e Ângela Pimenta mostram o como é difícil apontar o que faz parte dessa indústria e o que não faz:

No epicentro do fenômeno, as empresas mais tradicionais do ramo do entretenimento, o rádio, as gravadoras, o cinema, o teatro e as editoras, produzem em ritmo alucinante e põe outras engrenagens pra girar. [...]Dimensionar um segmento industrial é sempre complicado. A pipoca que se vende no teatro deve ser contabilizada como receita advinda do entretenimento ou cabe melhor na indústria alimentícia?<sup>3</sup>

Analisando apenas o epicentro do fenômeno, referenciado no trecho anterior, vemos uma produção que cresce de forma exponencial. Basta ver os dados fornecidos pela mesma matéria da revista Exame:

Anualmente, Hollywood coloca em cartaz 80% mais filmes do que na última década. As gravadoras lançam 40.000 títulos de CDs por ano. Segundo Michael Wolf, são publicados anualmente 10.000 livros a mais do que há cinco anos. Bancas de revista oferecem até 1.000 novos títulos por ano no mercado americano. Essa superprodução acaba acelerando a roda da indústria de distribuição. Os cinemas do bairro foram derrubados para dar lugar a salas multiplex e aos megaplex, com até 20 salas. (SECCO; PIMENTA, 2006)

Nota-se então, que o aumento significativo da produção modifica a estrutura da indústria entretenimento, no que diz respeito à distribuição. A indústria do cinema não é exceção.

Para entendermos os fenômenos que sofre a indústria do cinema, temos que primeiramente entender seus mecanismos de funcionamento. O artigo “Defesa da Concorrência e a indústria do cinema no Brasil”, dos autores Jorge Fagundes e Luiz Fernando Schuartz, mostra como a indústria do cinema é movida basicamente por três atividades: produção, distribuição e exibição.

Produção é a etapa de fabricação do filme. Coordenada por estúdios, essa etapa conta com diversos profissionais de áreas diferentes, que juntos montam toda a estrutura necessária para que um roteiro de cinema se torne um filme. Distribuição é o processo de coordenar as estratégias de como o filme será lançado e também as políticas de mercado. Esse papel é desempenhado pelas empresas distribuidoras. Exibição é o processo de coordenar o filme em suas respectivas janelas, que podem ser as salas de cinema, os DVDs e as emissoras de televisão, abertas ou por assinatura.

---

<sup>3</sup> SECCO, Alexandre; PIMENTA, Ângela. A próxima atração: como a indústria do entretenimento está mudando o jeito está mudando o jeito de trabalhar dos demais setores empresariais. Revista Exame, Abril, edição de 2 de março de 2006. Disponível em: [http://portalexame.abril.com.br/degustacao/secure/degustacao.do?COD\\_SITE=35&COD\\_RECURSO=211&URL\\_RETORNO=http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0837/negocios/m0051403.html](http://portalexame.abril.com.br/degustacao/secure/degustacao.do?COD_SITE=35&COD_RECURSO=211&URL_RETORNO=http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0837/negocios/m0051403.html)



Esse artigo estuda o processo de exibição dessa indústria, pesquisando somente em salas de cinema do circuito comercial. Nas próximas partes desse artigo será avaliado, através de uma pesquisa empírica de coleta de dados, o perfil de exibição nas salas de cinema de Belém, e como a exibição se consolida como mecanismo para formação de uma indústria cultural<sup>4</sup>.

## **2. Descrição do cenário**

No ano de 2005, a cidade de Belém, capital do estado do Pará, ficou em 16º lugar entre municípios brasileiros com maior público e renda de cinema no Brasil. Teve um público de 952.085 pessoas, o que equivale a uma renda de R\$ 6.123.833,20, sendo que o preço médio de um ingresso foi de R\$ 6,55<sup>5</sup>.

Em janeiro de 2006, atuavam em Belém três empresas que administravam salas de exibição de cinema. Eram elas: Cinemas Severiano Ribeiro, com três salas; Grupo Cinearte, com cinco salas; Grupo Moviecom, com sete salas.

### **2.1. Severiano Ribeiro**

Cinemas Severiano Ribeiro (CSR) é uma das maiores e mais respeitadas empresas que atuam na área de exibição de filmes do Brasil. Em 2007 o grupo completa 90 anos. O nome da empresa faz referência ao seu fundador Luiz Severiano Ribeiro, que morreu em 1974. Atualmente, a empresa é coordenada pela terceira geração da família Severiano Ribeiro.

Em Belém, administrou durante o ano de 2006 três salas de cinema. O Nazaré 1 e Nazaré 2 (localizados na Avenida Nazaré, centro da cidade) e o cinema Olympia, que atua desde 1912, o cinema mais antigo do Brasil.

Atualmente, o grupo investe mais de 37 milhões de reais em salas de cinema com a marca Kinoplex, cinemas com o formato mais moderno, no Rio de Janeiro. Porém, mesmo com todo esse capital, no final do ano de 2006, todos os cinemas da empresa que atuavam em Belém já haviam encerrado suas atividades e a empresa deixou de atuar na cidade. No dia 16 de fevereiro de 2006, o cinema Olympia teve sua última sessão e fechou com o filme *Syriana*, de Stephen Gaghan. O atual diretor do grupo, Luiz Severiano Ribeiro Neto comentou o fechamento:

O custo de manutenção é alto. É o mesmo que um cinema com seis salas de projeção. Hoje em dia, o público prefere cinemas mais modernos, com formato stadium – estilo arquibancada – e telas gigantes. Há muito tempo estamos preservando o local, mesmo sem o cinema dar retorno financeiro, exatamente por conta da importância histórica. É um patrimônio da cidade que queremos manter.<sup>6</sup>

Em dezembro de 2006, o Olympia reabre suas portas, coordenado pela Fumbel (Fundação Cultural do Município de Belém), órgão da prefeitura, deixando assim de ser espaço comercial.

---

<sup>4</sup> Conceito de Indústria cultural segundo Adorno e Horkheimer.

<sup>5</sup> Fonte dos dados apresentados: Filme B (empresa brasileira especializada em números de mercado de cinema).

<sup>6</sup> Entrevista veiculada pelo jornal O Liberal



Ainda no final de 2006, os cinemas Nazaré 1 e 2 são fechados. No lugar onde normalmente ficava os títulos dos filmes exibidos está a mensagem: “Fechados para reforma”. Porém, não há reforma alguma sendo feita nas instalações e não há perspectiva de reabertura dessas salas.

## **2.2. Grupo Cinearte**

Como fica claro em seu nome, o cinearte sempre se colocou como defensor da exibição de cinema de arte<sup>7</sup>. Mais a frente no artigo, perceberemos que, de fato, foi o grupo que mais janelas abriu para filmes que aparentemente não atrairiam grande público e renda na amostra pesquisada. Era coordenado por Alexandrino Moreira e seu filho, Marco Antônio Moreira. Alexandrino morreu recentemente, dia 4 de abril de 2007. Ele construiu seus dois primeiros cinemas na cidade em 1978.

No ano de 2006, o Grupo Cinearte administrava cinco cinemas em Belém. Três cinemas na rua São Pedro (cinema 1,2 e 3), rua que fica na parte de trás do shopping Iguatemi, e dois cinemas dentro do shopping Castanheira, chamados de Castanheira 1 e 2.

Mas o ano de 2006 não foi um ano próspero para o Cinearte em Belém. Logo em abril, os cinemas Castanheira 1 e 2 fecharam, alegando não haver lucro. Em junho os cinemas 1, 2 e 3, atrás do Iguatemi são alugados para o grupo Moviecom, num contrato de um ano, pelos mesmo motivos dos cinemas no castanheira. Assim, o grupo Cinearte deixa de atuar no cenário belenense, a exemplo do Grupo Severiano Ribeiro.

Muitos são os motivos que levam um cinema à falência atualmente. Um dos principais e mais discutidos é a pirataria. Porém, o que torna um cinema lucrativo sobre a coordenação de um grupo de cinema e não-lucrativo nas mãos de outro, são fatores que só podemos perceber se entendermos o perfil de exibição das duas empresas. Veremos isso mais à frente.

## **2.3. Grupo Moviecom**

O Grupo Moviecom tem grande expressividade nacional, estando presente em mais de 20 municípios do país. Fez um grande investimento em Belém, e no ano de 2004 inaugurou sete salas no shopping Castanheira. A chegada do grupo causou uma grande comoção do público, devido a implantação de um tipo de sala de cinema inexistente no estado, o multiplex. Esse tipo de sala é menor e no estilo arquibancada, com melhor qualidade de áudio e imagem.

O sucesso das salas logo colocou o Grupo Moviecom como primeira opção da maioria do público de cinema de Belém. Em 2006, como já foi dito, aluga e passa a coordenar os cinemas 1,2 e 3, na rua São Pedro, que antes pertenciam ao Grupo Cinearte, passando então a ter 10 cinemas ao todo.

O motivo das três salas terem ido a falência sobre a coordenação do grupo cinearte e permanecido com lucro para o Grupo Moviecom, só pode estar vinculado ao perfil de exibição das duas empresas. Como já foi dito, o Cinearte segue uma linha de exibir, em algumas janelas pelo menos, filmes que não pertençam à indústria cultural. O grupo Moviecom ficou conhecido por exibir filmes que sejam apostas de lucro, criando estratégias de exibição que formam uma indústria cultural. O próprio nome

---

<sup>7</sup> O artigo não visa entrar na discussão da definição de arte dentro do cinema, porém podemos entender que a concepção do gênero “filmes de arte” serve mais para atestar que um filme não faz parte de uma indústria cultural, do que para o fato de carregar conteúdo artístico. Mais à frente no artigo, quando for discutido os gêneros de filmes, essa questão ficará mais clara.



Moviecom, se fragmentado, pode ser interpretado como: “Movie”, que vem do inglês filme, e “com”, que seria uma abreviatura de comércio. Como é próprio de uma indústria cultural, no final de 2006, o grupo alcança o monopólio de exibição de cinema em Belém.

Adorno e Horkheimer, no livro “A dialética do esclarecimento”, mostram bem essa relação entre monopólio e indústria cultural, em que o produtor define o consumo de seu produto e não tem receio de encobrir seu monopólio:

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massa é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa a seu público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como ideologia destinada a legitimar o lixo que produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto a necessidade social de seus produtos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947)

Portanto, o que podemos perceber, é que dentro de uma indústria do cinema (que faz parte da indústria do entretenimento) controlada pela produção e distribuição americana em quase todo o mundo (em Belém não é diferente), o papel atualmente representado pelo Moviecom, em Belém, é de legitimação na exibição de uma indústria cultural. E o próprio slogan da empresa serve para confirmar isso: “Moviecom – um mundo de entretenimento”.

### **3. A pesquisa de campo**

Embora saibamos que existe uma indústria cultural do cinema, que atua na cidade de Belém, assim como no mundo inteiro, que provem da produção e distribuição americana, não sabemos ao certo dizer o tamanho dessa dominação, não conseguimos medi-la com exatidão.

Portanto, essa pesquisa visa mapear o cenário paraense, de forma que possamos saber características de todos os filmes que estrearam em Belém em um determinado período. Em relação à amostra, será necessário estudar um período que compreenda todas as mudanças recentes no mercado e ao mesmo tempo seja o suficiente para que possam ser apontados resultados mais exatos. Por isso, definiu-se que serão pesquisados todos os filmes que estrearam em Belém do ano 2000 a 2006, sendo analisados a partir de diversas variáveis. Esses sete anos compreendem não só a entrada de um novo século, como também correspondem a um período das mudanças do cenário, muitas delas já descritas nesse artigo.

Para o artigo, foi utilizado como amostra dois meses do ano de 2006: janeiro e fevereiro. A escolha do ano se deu por ser o mais recente e também por ser o ano de instalação do monopólio. A escolha do mês de janeiro se justifica por representar um período de férias escolares, momento em que o mercado se mobiliza mais para atrair o público infantil e jovem. O mês de fevereiro representa o momento em que o mercado começa a voltar a sua normalidade, com o final das férias, e também por ser o mês em que estréia a maioria dos filmes que vão concorrer ao Oscar, principal prêmio da indústria do cinema.



Os filmes foram analisados a partir das seguintes variáveis: Origem da produção (nacionalidade); Gênero do filme; Orçamento do filme; Classificação do filme; Quantas e quais salas de cinema o filme estréia?; Aceitabilidade do público, o filme fez sucesso ou não?

### **3.1 . Filmes**

O dia 1 de janeiro de 2006 foi um domingo. Estavam em cartaz dez filmes diferentes em Belém. São eles: “Harry Potter e o cálice de fogo”, “King Kong”, “Doze é demais 2”, “As crônicas de Nárnia”, “Xuxinha e Guto contra os monstros do espaço”, “Os produtores”, “E se fosse verdade”, “A passagem”, “O exorcismo de Emily Rose” e “Palavras de amor”. Nota-se que estavam em cartaz produções de grandes estúdios e altos orçamentos, sinal claro do período de férias escolares que já vem do mês de dezembro.

A partir daí, durante os dois meses pesquisados, estreiam no circuito comercial, 30 filmes (ver no anexo 1, a lista de filmes que estrearam nesse período em cada uma das empresas).

### **3.2. Origem da produção**

Para definirmos a qual país cada filme pertence, devemos compreender alguns indicadores. Primeiramente ver a nacionalidade do estúdio em que o filme é produzido. Isso significa o seguinte: o dinheiro investido na produção vem de onde? Segundo, é necessário ver a língua em que o filme é falado. Porém, a língua por si só não pode definir nacionalidade. O filme “A paixão de Cristo” (que não faz parte da lista de filmes pesquisados) de Mel Gibson, por exemplo, é um filme americano, porém falado em um idioma hebreu antigo.

Outro indicador necessário é a origem do diretor do filme, aquele que pode ser considerado “o artista” responsável pelo filme. Porém, da mesma forma como o idioma, não pode ser indicador preponderante. Um exemplo disso é o filme “Água Negra” (que também não está na lista de filmes pesquisados), do diretor Walter Sales. Sales é brasileiro, mas “Água Negra” é um filme americano. A produção é americana e o idioma é o inglês.

Ou seja, é da interpretação desses três indicadores que podemos chegar a resultados sobre a nacionalidade de um filme.

Dos 30 filmes pesquisados, 20 são filmes de origem americana, sendo que um, “O senhor dos ladrões”, pode ser considerado uma produção de parceria americana e alemã. Contando com “O senhor dos ladrões” foram seis filmes europeus que estrearam nesses meses, sendo dois alemães, um francês e três ingleses.

Essa diferença expressiva de quantidade entre as produções americanas e as européias foi explicada por Renato J. Ribeiro, em seu livro “O afeto autoritário: televisão, ética e democracia”.

Um dos maiores itens da pauta de exportação dos Estados Unidos é o entretenimento – tanto que nas decisões sobre a liberação do comércio internacional eles batem de frente com a França. Os norte-americanos não querem limitações à circulação do “entertainment”, ao passo que os europeus, e os franceses em especial, insistem na preservação das culturas nacionais, regionais e locais. (RIBEIRO, 2005)

Além disso, dos seis filmes europeus que estrearam, apenas um veio ao Brasil com cópia legendada, e isso porque era um filme inglês (“Escuridão”). Os demais filmes foram dublados. Isso não se



deu apenas pelo fato de não serem falados em inglês, os seus respectivos gêneros ajudaram bastante para isso. Mas falaremos melhor da influência do gênero na exibição mais à frente.

Estrearam apenas quatro filmes brasileiros. Foram eles: “Se eu fosse você”, “Didi – caçador de tesouros”, “Cidade Baixa” e “Bens Confiscados”. Mas apesar de poucos títulos, o que mostra a insuficiente exibição da produção brasileira, os filmes “Se eu fosse você” e “Didi – caçador de tesouros”, que haviam estreado no começo de janeiro, conseguem ultrapassar os dois meses de pesquisa em cartaz e se consolidar como sucesso de audiência. Sinal que existe público para o cinema nacional.

Completa a lista de filmes, a produção australiana Wolf Creek – Viagem ao inferno. Não estreou durante esses meses nenhum filme asiático ou africano.

### 3.3. Gênero

A formação de uma divisão de filmes por gêneros é uma estratégia da indústria cultural. É através de gêneros que a indústria articula seus produtos, podendo assim direcioná-los a seus respectivos públicos. BORELLI mostra essa relação entre gênero e indústria cultural:

A noção de gênero emerge, em outras interpretações, articulada ao conceito de ideologia, tão freqüente nas reflexões sobre cultura de massa e indústria cultural. Em abordagens como a de Rick Altman, conceituam-se gêneros como “construções ideológicas”, possíveis indutoras de “pré-leitura” e, conseqüentemente, limitadoras no processo de livre atribuição de significados por parte da “comunidade interpretante”. Similarmente a esta visão, os gêneros manifestam-se, também, como instrumentos de regulamentação das instituições culturais e têm como função ideológica. Na perspectiva de Steve Neale, são considerados “sistemas”, que orientam expectativas do público receptor e respondem pela função de articular relações entre produção cultural industrializada, textos e receptores. No limite, o gênero, nesta perspectiva, apresenta-se como mais um mecanismo da indústria cultural no processo de reprodução da ideologia dominante. (BORELLI, 2002)

O que podemos perceber é uma existência de um contrato de leitura<sup>8</sup> entre o público e o filme através do gênero. Esse contrato garante ao público que num filme do gênero comédia, por exemplo, carregue todas as especificidades e clichês próprios do gênero. Da mesma forma como em um filme de terror, o contrato de leitura garante que haverá cenas de sustos e mortes. Silvia Borelli explica essa relação entre gênero e contrato de leitura:

Configura-se aqui a existência, para além do contrato de leitura, de um *pacto de recepção* que prevê que o leitor/espectador mergulhe no fascínio das narrativas, das histórias, enredos, façanhas e personagens, “reconhecido” esse ou aquele gênero, falando sobre suas especificidades, mesmo que ignore as regras de sua produção, gramática e funcionamento. (BORELLI, 2002)

Com isso, filmes que não pertencem a nenhum gênero, por trazerem uma narrativa intimista a ponto de não poderem ser classificados, são chamados de “filmes de arte”. A indústria cria esse gênero para diferenciar o que é e o que é não é produzido dentro da indústria, pois ela tem a necessidade de ser facilmente reconhecida. Mas é importante ressaltar que a classificação “filmes de arte” não indica a

---

<sup>8</sup> O conceito de contrato de leitura utilizado segundo VÉRON.



existência de conteúdo artístico, assim como os produtos da indústria cultura não são necessariamente isentos desse conteúdo.

Porém, reconhecer um gênero não é uma tarefa tão simples. Isso porque, em muitos casos, acontece uma espécie de mescla de gênero, em que o mesmo filme carrega traços marcantes de dois ou mais gêneros diferentes. Somente uma análise mais profunda poderia revelar o gênero de cada um dos filmes pesquisados, mas o objetivo do artigo não é esse. O objetivo aqui é entender como o filme se vende, ou seja, como ele mesmo se classifica e assim ver suas estratégias como produto industrial. A classificação que um filme faz de si mesmo é uma estratégia da indústria.

Dessa forma, dos trinta filmes analisados, o resultado dos gêneros está apresentado em formato de tabela (ver anexo 2).

Não é por acaso que filmes dos gêneros drama e comédia sejam maioria. Ambos representam públicos mais abrangentes, ou até mesmo um mesmo público em momentos distintos. Em um momento a motivação para ir ao cinema é a seriedade de um drama, em outros a motivação é a descontração de uma comédia.

### **3.4. Exibição: onde passou cada filme?**

No anexo 1 está uma tabela com os locais onde passou cada filme nesses dois meses.

Podemos ver mais facilmente as diferenças de perfis entre das empresas de exibição de cinema, se fizermos um balanço do número de filmes que estrearam no período, quais os filmes que estrearam de forma exclusiva em uma empresa e quais as estratégias para o lançamento dessa exclusividade.

Como resultado, vemos que nos cinemas do Grupo Severiano Ribeiro estrearam dez filmes, nenhum em caráter exclusivo. Isso se deu em motivo ao número reduzido de salas dessa empresa em Belém.

O Grupo Cinearte estreou 16 filmes. De forma exclusiva foram cinco. São eles: “Domino – a caçadora de recompensas”, “Beijos e Tiros”, “Flores partidas”, “Cidade Baixa” e “A caverna”.

Desses cinco filmes, três chamam a atenção em sua exibição, pois ao mesmo tempo em que são filmes premiados pela crítica, são apostas duvidosas na arrecadação em cinema: Flores Partidas, que ganhou o grande Prêmio do Júri no festival de Cannes; Cidade Baixa, vencedor do prêmio de melhor filme do festival do Rio; Beijo e Tiros, um fracasso de público no mundo inteiro, porém um sucesso de crítica.

O grupo Moviecom estreou 25 filmes, nove de forma exclusiva. Foram eles: “Valiant”, “Tudo em família”, “Nanny Mcphee – A babá encantada”, “O senhor dos ladrões”, “A terra encantada de Gaya”, “Boa noite, e boa sorte”, “Dizem por aí”, “Uma vida iluminada”, “Bens confiscados”.

“Valiant” e “A terra encantada de Gaya” são animações, portanto entraram em cartaz para atrair o público infantil que estava de férias. “Nanny Mcphee” e “O senhor dos ladrões” são filmes também voltado ao público infantil, o que, mercadologicamente, justifica suas estréias. “Tudo em família” e “Dizem por aí” são duas comédias românticas americanas, ou seja, atendem uma demanda de mercado. “Boa noite, e boa sorte” foi um filme que fez bastante sucesso internacional devido as suas indicações ao Oscar, o que por si só atrai público.





Os únicos dois filmes que estréiam exclusivamente nos cinemas Moviecom, aparentemente, sem nenhuma lógica de mercado são: o brasileiro “Bens Confiscados”, vencedor do prêmio de melhor filme de ficção no Cine-PE – Festival do audiovisual; e o filme “Uma vida iluminada”, que ganhou o prêmio Lanterna Mágica, no festival de Veneza.

Assim, constatamos que o Grupo Cinearte possuía uma lógica de exibição menos ligada a produção da indústria cultural do que os outros grupos, abrindo mais janelas para filmes de sucesso duvidoso no mercado do que as demais empresas. O grupo Moviecom também possui exemplos desse tipo de exibição, porém é bem reduzido.

#### **4. Considerações Finais**

Então, ao concluir essa fase inicial da pesquisa, percebemos que a exibição de cinema em Belém segue uma lógica mundial. A formação de uma indústria cultural, que controla não só a produção, como a distribuição e a exibição. Com o avanço da indústria do entretenimento, encontramos cada vez mais reduzidos, os espaços para a veiculação de filmes com preocupações exclusivamente artísticas, que estejam fora da produção da indústria.

Mapear a atuação da indústria cultural na exibição de filmes se faz importante, pois só assim teremos noção do tamanho da dominação sofrida por nosso mercado. A formação do monopólio só nos faz pensar o quanto essa situação só tende a piorar se alguma solução não for tomada. É a partir da análise da realidade que pode-se propor mudanças.

A conclusão que podemos ter dessa análise é que o monopólio do grupo Moviecom é um processo desencadeado por estratégias da indústria cultural. O Moviecom representa mais um mecanismo que integra essa indústria.

#### **5. Bibliografia**

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. IN: CONH, Gabriel (ORG). Comunicação e Indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das massas nessa sociedade. São Paulo. Editora Nacional, 1977.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A dialética do esclarecimento. São Paulo: Jorge Zahar, 1985.

BORELLI, Sílvia H. Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo. Educ: Estação Liberdade, 1996.

BORELLI, Sílvia H. Gêneros Ficcionalis. produção e cotidiano na cultura popular de massa. São Paulo. Finep, 1994.

FAGUNDES, Jorge; SCHUARTZ, Luiz F. Defesa da concorrência e indústria do cinema no Brasil. Disponível em: <http://www.culturalivre.org.br/artigos/def-concorrencia-cinema-schuartz-fagundes.pdf>



TRIGO, Luiz. Entretenimento: uma crítica aberta. São Paulo: Senac, 2003

MALCHER, Maria A. Entretenimento e os mídias. (no prelo)

SECCO, Alexandre; PIMENTA, Ângela. A próxima atração: como a indústria do entretenimento está mudando o jeito está mudando o jeito de trabalhar dos demais setores empresariais. Exame, Abril, edição de 2 de março de 2006. Disponível em: [http://portalexame.abril.com.br/degustacao/secure/degustacao.do?COD\\_SITE=35&COD\\_RECURSO=211&URL\\_RETORNO=http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0837/negocios/m0051403.html](http://portalexame.abril.com.br/degustacao/secure/degustacao.do?COD_SITE=35&COD_RECURSO=211&URL_RETORNO=http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0837/negocios/m0051403.html)

#### Anexo 2 – Onde passou cada filme:

MOVIECOM	S. RIBEIRO	CINEARTE
Soldado anônimo	Se eu fosse você	Soldado anônimo
Se eu fosse você	Didi – caçador de tesouros	Didi – caçador de tesouros
Didi – caçador de tesouros	Escuridão	Zathura
Zathura	Munique	Escuridão
Escuridão	Vovó Zona	Domino – A caçadora de recompensas
Valiant	Edison – Poder e corrupção	Beijos e tiros
Tudo em família	Syriana	As loucas aventuras de Dick e Jane



As loucas aventuras de Dick e Jane	Wolf creek	Munique
Nanny Mcphee	A pantera cor-de-rosa	Flores partidas
O Senhor dos ladrões	Fora de rumo	Memórias de uma gueixa
Munique		Cidade Baixa
Memórias de uma gueixa		Johnny e June
Vovó Zona 2		Wolf creek
Edison – Poder e corrupção		A caverna
Syriana		A pantera cor-de-rosa
Johnny e June		A marcha dos pingüins
A terra encantada de gaya		
Wolf creek		
A pantera cor-de-rosa		
A marcha dos pingüins		
Boa noite, e boa sorte		
Fora de rumo		
Dizem por aí		
Uma vida iluminada		
Bens confiscados		

#### Anexo 1 – Tabela de Gêneros

Drama	10
Comédia	6
Terror	3
Animação	2
Aventura	2
Comédia Romântica	2
Suspense	2
Fantasia	1
Guerra	1
Documentário	1